**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS**

**PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO**

**ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES**

**CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

LORENA CHRISTINA SOUZA DE BESSA

**AS REPRESENTAÇÕES DAS MULHERES NO *JORNAL DAS MOÇAS* NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX**

GOIÂNIA

2023

LORENA CHRISTINA SOUZA DE BESSA

**AS REPRESENTAÇÕES DAS MULHERES NO *JORNAL DAS MOÇAS* NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX**

Monografia apresentada à Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito parcial para obtenção da graduação em Licenciatura em História.

Orientadora: Prof. Me. Simone Cristina Schmaltz de Rezende e Silva

GOIÂNIA

2023

LORENA CHRISTINA SOUZA DE BESSA

**AS REPRESENTAÇÕES DAS MULHERES NO JORNAL DAS MOÇAS NA PRIMEIRA METADE DO SECULO XX**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito final de conclusão de curso, sob orientação da prof. Me. Simone Cristina Schmaltz de Rezende e Silva.

BANCA EXAMINADORA

Orientador (a):

Prof. Me. Simone Cristina Schmaltz de Rezende e Silva

Examinador (a):

Prof. Dra. Maria Cristina Nunes Ferreira Neto

GOIÂNIA

2023

*"Que nada nos defina, que nada nos sujeite. Que a liberdade seja a nossa própria substância, já que viver é ser livre".*

*(Simone de Beauvoir)*

**AGRADECIMENTOS**

A conclusão deste trabalho marca o término de uma jornada desafiadora, repleta de aprendizados e superações, e não seria possível sem o apoio e contribuição de diversas pessoas. Cada linha escrita é um reflexo não apenas do meu esforço, mas também do apoio incondicional que recebi de pessoas extraordinárias ao meu redor. Não seria justo encerrar este capítulo sem dedicar um momento para expressar minha gratidão a todos que tornaram possível a realização deste trabalho.

À minha orientadora, Prof. Me. Simone Schmaltz, sua paciência, orientação e dedicação foram essenciais para que eu pudesse concluir este trabalho. Agradeço por compartilhar sua sabedoria e me guiar ao longo desse processo.

À minha família, meu porto seguro: mãe, irmão, avós Ovidia e Maria, madrinha Leila e Aparício, agradeço pelo amor incondicional, apoio constante e compreensão nos momentos de ausência. O amor e apoio de vocês foram cruciais nos momentos mais difíceis.

Aos amigos, Kaio, Pedro, Giovanny, Renato e Karol, vocês tornaram os dias e as noites na EFPH mais leves e divertidas. Em momentos de desafio e exaustão, a presença de vocês trouxe conforto e encorajamento, tornando essa jornada acadêmica mais significativa.

Agradeço em especial à minha melhor amiga, Kamyla. Sorrimos, choramos e surtamos juntas, mas nunca soltamos a mão uma da outra. Obrigada por todo o apoio durante essa trajetória.

À Juliana e Ivan, agradeço por todo o carinho e apoio ao longo da trajetória dos meus estudos.

À Dhulle, Daniel e Valquíria, cada um de vocês, de maneiras únicas e especiais, tornou esta jornada inesquecível. Jamais esquecerei as conversas e risadas nas viagens até a EFPH.

Por fim, agradeço ao colegiado de história, em especial: Simone, Maria Cristina, Lucia Rincón, Madalena, Leandro, Antonio Luiz e Eduardo Reinato. Agradeço por todo o conhecimento compartilhado. Todos vocês contribuíram para o meu crescimento profissional.

**RESUMO**

Esta pesquisa trata sobre a história da imprensa feminina no Brasil. Investigando o papel desempenhado por esse veículo de comunicação na construção da imagem feminina. Primeiro, será abordado o surgimento e estabelecimento da imprensa feminina no Brasil, bem como as primeiras revistas femininas brasileiras. Em um segundo momento, será analisado as representações das mulheres no “Jornal das Moças” na primeira metade do século XX, assim como a forma como essas representações influenciaram a construção de uma imagem feminina estereotipada na sociedade brasileira. O estudo examina como o jornal abordou temas relacionados às mulheres, suas responsabilidades sociais, e as expectativas culturais da época. O presente trabalho se enquadra nos estudos culturais, portanto serão trabalhados os conceitos de cultura e representação. Este estudo contribui para uma compreensão mais profunda da influência da mídia na propagação de estereótipos e na formação de padrões, além de evidenciar a conexão entre as representações e o pensamento patriarcal da época

**Palavras chaves:** História cultural, Imprensa feminina, *Jornal das Moças*.

**ABSTRACT**

This research addresses the history of women's press in Brazil, investigating its role in shaping the female image. At first, we will discuss the emergence and establishment of women's press in Brazil, including the first Brazilian women's magazines. In the second phase, we will analyze the representations of women in "Jornal das Moças" in the first half of the 20th century, and how these representations influenced the construction of a stereotyped female image in Brazilian society. The study examines how the journal addressed topics related to women, their social responsibilities, and the cultural expectations of that time. This work falls within cultural studies, thus exploring the concepts of culture and representation. The research contributes to a deeper understanding of the media's influence in perpetuating stereotypes and shaping standards, while highlighting the connection between representations and the patriarchal thinking of that time.

**Keywords**: Cultural History, women's press, *Jornal das Moças*.

SUMÁRIO

[INTRODUÇÃO 11](#_Toc151930146)

[CAPÍTULO 1 A HISTÓRIA DA IMPRENSA NO BRASIL E O SURGIMENTO DAS REVISTAS FEMININAS: UM BREVE PANORAMA 14](#_Toc151930147)

[1.1 A imprensa no Brasil: um panorama histórico 14](#_Toc151930148)

[1.2 O surgimento das revistas femininas e o advento da imprensa feminina no Brasil 17](#_Toc151930149)

[1.3 As primeiras revistas femininas do Brasil 22](#_Toc151930150)

[CAPÍTULO 2: “JORNAL DAS MOÇAS” E AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX. 26](#_Toc151930151)

[2.1 História Cultural: Cultura e Representação 26](#_Toc151930152)

[2.2 Imprensa feminina no Brasil: O *Jornal das Moças* 29](#_Toc151930153)

[2.3 O *Jornal das Moças* e as representações das mulheres 31](#_Toc151930154)

[2.3.1 A mulher no papel de mãe-esposa-dona de casa. 34](#_Toc151930155)

[2.3.2 O ideal de beleza feminino 38](#_Toc151930156)

[CONSIDERAÇÕES FINAIS 49](#_Toc151930157)

[REFERÊNCIAS 51](#_Toc151930158)

**LISTA DE FIGURAS**

[Figura 1 Capa do *Jornal das Moças* 26](#_Toc151881089)

[Figura 2 Contracapa do jornal. 27](#_Toc151881090)

[Figura 3 "Evangelho das Mães 31](#_Toc151881091)

[Figura 4 Modas e Modos 36](#_Toc151881092)

[Figura 5 Conselhos de beleza 38](#_Toc151881093)

[Figura 6 "A beleza é obrigação" 39](#_Toc151881094)

[Figura 7 Propaganda sobre produto para beleza 40](#_Toc151881095)

[Figura 8 A arte de ser elegante 42](#_Toc151881096)

# INTRODUÇÃO

Ao longo da história, os meios de comunicações exerceram grande influência na configuração de valores e comportamentos na sociedade. Esses veículos não apenas transmitiram informações, mas também se estabeleceram como poderosas ferramentas de persuasão e manipulação, moldando ativamente a opinião pública e influenciando a forma como as pessoas percebem o mundo ao seu redor. Essa influência abrange desde jornais e revistas até rádio e televisão. Esses canais de comunicação não apenas refletem as dinâmicas sociais existentes, mas também têm o poder de contribuir significativamente para a construção de narrativas e imagens coletivas. Ao longo do tempo, diversos atores, como governos, empresas e grupos de interesse, perceberam a capacidade dos meios de comunicação de moldar a opinião pública e, assim, buscaram utilizá-los para promover seus interesses específicos.

Nesse contexto, as revistas femininas brasileiras não foram exceção, exercendo uma influência significativa na construção da imagem feminina. Por meio de seus textos e ilustrações, essas revistas não apenas refletiam, mas também contribuíam ativamente para a definição de um "ideal" de mulher. Estabelecendo padrões e regras, moldando percepções e, por vezes, manipulando comportamentos, exercendo um impacto notável na sociedade ao ditar normas sobre como uma mulher deveria ser, se comportar, e quais ações eram socialmente aceitáveis ou não.

No decorrer do século XX, a sociedade brasileira foi marcada por profundas transformações sociais, políticas e econômicas. O avanço da industrialização, o aumento da urbanização e a rápida incorporação de tecnologias deram origem a novas necessidades sociais. Nesse contexto, a invenção do "telégrafo" foi um marco crucial, abrindo caminho para o surgimento da chamada "grande imprensa". Essa evolução possibilitou não apenas uma disseminação mais ampla das informações, mas também propiciou o desenvolvimento das primeiras revistas femininas de grande circulação no Brasil.

Essas revistas, como mencionado anteriormente, desempenharam um papel central na configuração dos valores e comportamentos sociais. Com o advento da "grande imprensa", a disseminação dessas publicações atingiu um patamar mais amplo, consolidando ainda mais a influência dos meios de comunicação na sociedade. Ao longo desse período, as revistas não apenas refletiram as mudanças em curso, mas também desempenharam um papel ativo na definição de normas e padrões, exercendo, assim, uma grande influência na construção da imagem feminina.

Dentre essas revistas femininas, surge a denominada “Jornal das Moças”, um periódico feminino que circulou entre maio de 1914 a dezembro de 1968. Era uma revista ilustrada semanal, que abordava tema como moda, dicas de beleza e comportamentos, anúncios, crônicas, culinária, entre outros. Neste contexto, esta pesquisa tem como ponto central, a análise das representações das mulheres no *Jornal das Moças.* O objetivo principal é entender como as mulheres eram retratadas, e como essas representações refletiam os valores e as concepções da época. Além disso, busca-se compreender como essas representações influenciaram a construção e disseminação de uma imagem feminina estereotipada. Como o jornal circulou por mais de 54 anos, possuindo mais de 2000 mil publicações, a pesquisa se restringe a analisar apenas a primeira metade do século XX.

A relevância do tema reside na capacidade de revelar como as representações veiculadas pela mídia podem influenciar não apenas a percepção pública, mas também os próprios comportamentos e expectativas das mulheres na sociedade. O estudo dessas representações contribui para uma compreensão mais profunda dos fatores que moldaram e, em alguns casos, limitaram a expressão da feminilidade ao longo do século XX. Além disso, explorar as representações no "Jornal das Moças" permite entender as dinâmicas sociais, culturais e históricas da época A escolha do tema também se justifica pelo fácil acesso as fontes, que estão disponível na biblioteca virtual.

A pesquisa é realizada a partir de uma abordagem qualitativa, onde foi feito um levantamento de todas as fontes, documentos e bibliografia sobre o tema. O quadro teórico deste trabalho passa pelas dimensões da História Cultural. Desse modo, a discussão de alguns conceitos da história se fazem extremamente importantes. Como por exemplo, o conceito de cultura e representação. Para essa discussão serão utilizados historiadores como, Peter Burke, Roger Chartier, Sandra Pesavento, entre outros. Para a discussão sobre a imprensa brasileira e sobre as revistas femininas serão utilizados autores como, Werneck Sodré e Dulcilia Buitoni.

Esta monografia está dividida em dois capítulos. No primeiro, é apresentado um breve panorama histórico sobre a chegada da imprensa no Brasil, bem como o advento da imprensa feminina brasileira. Nessa perspectivas, é apresentado os primeiros periódicos que circularam no Brasil, assim, como, o contexto social e político em que periódicos surgiram. No segundo capitulo é analisado a forma como as mulheres eram representadas no *Jornal das Moças,* e como essas representações influenciaram a construção de uma imagem feminina estereotipada. O capítulo examina como o jornal abordou temas relacionados às mulheres, suas responsabilidades sociais, e as expectativas culturais da época. Para essa discussão, primeiramente é trabalhado um pouco sobre a História cultural, a partir dos seus conceitos de cultura e representação.

# CAPÍTULO 1 A HISTÓRIA DA IMPRENSA NO BRASIL E O SURGIMENTO DAS REVISTAS FEMININAS: UM BREVE PANORAMA

Historicamente os meios de comunicação exerceram grande influência na sociedade. Surgiram como poderosos agentes de transformação social, moldando a maneira como as sociedades se percebem e se organizam. A chegada das primeiras imprensas ao Brasil constitui um marco histórico, não apenas pela disseminação de informações, mas também pelo papel relevante na construção e perpetuação de narrativas culturais e sociais. Desse modo, este capítulo busca investigar a chegada e trajetória da imprensa no Brasil, bem como, o surgimento e desenvolvimento das revistas femininas. Examinaremos os contextos históricos e as condições que propiciaram a introdução dessas imprensas, bem como, os primeiros periódicos femininos a circular no Brasil.

## 1.1 A imprensa no Brasil: um panorama histórico

A chegada da imprensa no Brasil ocorreu tardiamente, devido ao fato de que até o início do século XIX, a construção de gráficas e a circulação de escritos eram controlados, restritos e censurados[[1]](#footnote-1) pela Coroa Portuguesa. De acordo com o historiador Nelson Werneck Sodré:

Estavam, em Portugal, sujeitos os livros a três censuras: a Episcopal, ou do Ordinário, a da Inquisição, a Régia, exercida pelo Desembargo do Paço, desde 1576, cuja superioridade firmava-se nas Ordenações Filipinas, que proibiam a impressão de qualquer obra “sem primeiro ser vista e a imprensa colonial examinada pelos desembargadores do Paço, depois de vista e aprovada pelos oficiais do Santo Ofício da Inquisição”. A partir de 1624, os livros dependiam das autoridades civis para serem impressos, isto é, das autoridades reconhecidas pelo Estado, entre as quais, para esse fim, estavam as da Igreja; mas dependiam ainda, para circularem, da Cúria romana. Pombal, em 1768, encerrou esse regime, substituindo-o pelo da Real Mesa Censória, que vigorou até 1787. Ora, se na metrópole feudal essas eram as condições, fácil é calcular quais seriam as que imperavam na colônia escravista, particularmente depois do advento da mineração, com o arroxo que deu à clausura. (Sodré,1999, p.9).

Assim, a primeira imprensa só surge em torno de 1808, com a vinda da família real para o país. Foi estabelecida a chamada “Impressão Régia”, marcando o início da produção regular de documentos impressos.

Em relação à Europa ou mesmo às outras partes das Américas, os papéis impressos feitos no Brasil surgiram mais tarde. Enquanto no continente europeu já existiam tipografias desde meados do século XV, nas Américas a atividade impressora (embora escassa) surge no século XVI, décadas após a chegada dos europeus. A imprensa periódica propriamente nasce no século XVII no chamado Velho Mundo e somente no século seguinte surge nas Américas inglesa e espanhola. Eram, ainda assim, iniciativas com defasagens em relação à Europa, sob vigilância e repressão das autoridades e aparecendo de forma esparsa. Nesse sentido, a experiência brasileira não foi destoante na América, embora só tenha surgido de forma sistemática a partir de 1808, com a chegada da Corte portuguesa e a instalação da tipografia da Impressão Régia. (Martins e Luca, 2012, p.13).

Apesar do estabelecimento dessa imprensa, não houve muito desenvolvimento em relação a difusão de informações, uma vez que o foco principal desse periódico era divulgar exclusivamente as notícias oficiais, como, por exemplo os decretos e documentos governamentais do Príncipe regente. Além disso, havia uma junta que gerenciava a Impressão Régia, responsável por examinar os documentos e livros que fossem enviados para publicação. O objetivo era garantir que não fosse impresso qualquer escrito contra a monarquia ou a Igreja Católica. (Sodré,1999).

Ainda no mesmo ano de 1808, em 10 de dezembro, saiu a primeira edição da “Gazeta do Rio de Janeiro”, o primeiro jornal publicado no Brasil. O jornal era dirigido por Frei Tibúrcio Jose da Rocha[[2]](#footnote-2). Por ser um jornal oficial, as publicações eram mais voltadas para o que acontecia na Europa e aos assuntos ligados à família real. Segundo Sodré:

Jornal oficial, feito na imprensa oficial, nada nele constituía atrativo para o público, nem essa era a preocupação dos que o faziam, como a dos que o haviam criado. Armitage situou bem o que era a Gazeta do Rio de Janeiro: “Por meio dela só se informava ao público, com toda a fidelidade, do estado de saúde de todos os príncipes da Europa e, de quando em quando, as suas páginas eram ilustradas com alguns documentos de ofício, notícias dos dias, natalícios, odes e panegíricos da família reinante. (Sodré, 1999, p.23).

Apesar da *Gazeta do Rio de Janeiro* ser considerada o primeiro jornal publicado no Brasil, já havia outro periódico brasileiro antes, o chamado “Correio Braziliense”, editado por Hipólito da Costa[[3]](#footnote-3). No entanto, esse jornal era produzido no exterior, em Londres. Os motivos alegados pelo editor seriam as censuras que os editores sofriam no Brasil. É importante ressaltar que o *Correio Braziliense* não foi o pioneiro na introdução de jornais europeus regularmente lidos no Brasil. Os jornais europeus já eram recebidos no Brasil desde o século XVIII. No entanto, essas imprensas periódicas não incluíam debates e divergências políticas. Suas reportagens eram mais informativas do que críticas ou reflexivas. (Martins e Luca, 2012).

As diferenças entre os dois jornais eram notórias. A “Gazeta” era uma espécie de imprensa áulica[[4]](#footnote-4), que servia aos interesses da coroa, focada mais em informações descritivas, como, por exemplo a agenda do rei. Tinha poucas páginas, e um preço acessível. Por outro lado, o “Correio Braziliense” era uma publicação encadernada com mais de cem páginas. Era publicado mensalmente e tinha um teor doutrinário, além de ter um preço consideravelmente mais elevado. (Sodré,1999). Após a “Gazeta”, outros jornais foram criados a serviço da corte real, com o objetivo de difundir opiniões e informações positivas sobre o absolutismo. Entre eles, o periódico “A Idade de Ouro do Brasil”,instaurado na Bahia.

Em 1821, foi fundado o *Diário do Rio de Janeiro,* considerado o primeiro periódico informativo a circular no país. Ao contrário dos outros, esse jornal apresentava diversas informações, como roubo, homicídio, leiloes, fugas de escravos, entre outros. (Sodré,1999). Em 4 de agosto de 1821, surgiu o chamado “Diário Constitucional”, o primeiro jornal a romper com a uniformidade da imprensa áulica. A partir desse momento, uma infinidade de jornais e folhetos surgiam, expressando apoio ou discordância em relação a monarquia. Entre eles, o *Revérbero Constitucional Fluminense*, que atuou decisivamente no processo de independência. A *Aurora fluminense* de Evaristo da Veiga, que criticava D. Pedro. O *Carapuceiro*, jornal conservador do padre Lopes Gama, entre outros. (Martins e Luca,2012). Agora que dispomos de um breve contexto sobre o surgimento e consolidação da imprensa no Brasil, é pertinente aprofundarmos nossa análise no cerne deste capítulo: as revistas femininas.

## 1.2 O surgimento das revistas femininas e o advento da imprensa feminina no Brasil

A historiografia referente à imprensa feminina afirma que as primeiras revistas femininas teriam surgido no fim do século XVII, na Europa. De acordo com a jornalista e pesquisadora Dulcília Buitoni (1990), o primeiro periódico de que se tem notícia foi o *Lady ‘s Mercury,* publicado em 1693, na Inglaterra. No entanto, antes de aprofundarmos essa discussão, é preciso conceituar o que se entende por feminino e por imprensa feminina. Na concepção da escritora e filosofa Simone Beauvoir “ninguém nasce mulher, torna-se mulher” (Beauvoir,1967, p.9). Ou seja, o feminino pode ser definido como uma construção social, não biológica. Isso significa que a identidade e os papeis associados as mulheres ao longo do tempo, são influenciados e moldados pela sociedade. Desse modo, a "imprensa feminina" diz respeito às publicações que abordam temas, interesses e perspectivas ligados às experiências das mulheres. Conforme Buitoni:

Imprensa feminina é um conceito definitivamente sexuado: O sexo de seu público faz parte de sua natureza. Desde que surgiu no mundo Ocidental, no fim do século XVII, já trouxe a destinação as mulheres no próprio título do jornal\_ Lady ‘s Mercury- pratica a persistir até hoje. [...] Na imprensa em geral, tal distinção de público não aconteceu no passado. Embora lidos predominantemente por homens, os únicos letrados que lhes tinham acesso, os jornais eram destinados a ambos os sexos. Não existia uma imprensa masculina. Aliás, não havia ainda a ideia de público da forma como hoje se entende. (Buitoni, 1990, p.7).

Nesse sentido, as revistas femininas são voltadas especificamente para as mulheres, seja como produtoras ou receptoras. Contudo, o fato de uma revista ser dirigida por uma mulher, não significa que ela se enquadra como um periódico feminino. Segundo Buitoni, o grande elemento definidor ainda é o sexo de suas consumidoras. (Buitoni, 1990, p.8). Ou seja, para uma revista ser considerada “feminina”, o seu conteúdo deve ser voltado para o público feminino, abordando assuntos que interessam às mulheres ou que estão ligados às coisas que elas geralmente vivenciam.

Devido os periódicos femininos tratarem assuntos como moda, culinária, romance, muitas vezes foi questionada a sua relevância enquanto jornal. Sobre isso a autora diz o seguinte:

Talvez não exista uma única forma de fazer jornalismo. Para não entramos em choque com os princípios vigentes, diremos que nem tudo na imprensa feminina é jornalismo. Por isso, preferimos a denominação imprensa feminina, mais abrangente, que engloba, entre suas manifestações, o jornalismo feminino, aquele que se fundamenta na notícia. No entanto, considerando que a imprensa feminina tem enorme penetração no mundo inteiro, vale mais pensar suas funções do que caracterizá-la como jornalística ou não. (Buitoni, 1990, p.12).

Sendo considerada jornalismo ou não, a importância da pesquisa historiográfica sobre a imprensa feminina é inegável. As revistas femininas são conectadas aos contextos históricos de suas produções. Comparada a imprensa em geral, ela reflete e se adapta de maneira mais sensível as mudanças e acontecimentos, são como espelhos das práticas e comportamentos de determinada época. (Buitoni, 1990). Dessa forma, a pesquisa sobre a imprensa feminina é importante não apenas para compreender o papel das mulheres na sociedade, mas também para obter uma compreensão mais abrangente da cultura, da dinâmica social, das experiências e perspectivas em relação às mulheres na época em que essas revistas eram publicadas.

Apesar do primeiro periódico feminino ter surgido na Inglaterra, foi em França que a imprensa voltada para o público feminino mais avançou, servindo como inspiração para o Brasil posteriormente, através do *Journal des Dames et des Mode[[5]](#footnote-5)* fundado em 1759. O periódico era composto por poemas, crônicas, dicas de vestimenta, conselhos sobre educação, além de tratar sobre a maternidade. Na França, também surgiram jornais femininos com temáticas políticas e educacionais. Como por exemplo, *Les Annales de l’Education du Sexe[[6]](#footnote-6)* (1790) e o *Le Journal des Femmes* [[7]](#footnote-7)(1832). Além disso, circulavam também jornais feministas, que defendiam os direitos das mulheres, inclusive o de voto. Entre eles, o *L’Athénée des Dames[[8]](#footnote-8) e La Citoyenne*.[[9]](#footnote-9) Contudo, poucas mulheres tinham acesso a esses jornais, pois, a imprensa feminina até o século XIX era elitizada, somente as mulheres da elite sabiam ler e dispunham de tempo para isso. (Buitoni,1990).

O surgimento das revistas femininas no Brasil está relacionado à diversas transformações sociais, políticas e econômicas que ocorreram no final do século XIX e ao longo do século XX. Após a vinda da família real e a convivência com a corte, novos costumes passaram a ser difundidos no país. Isso incluiu não apenas regras de etiqueta e a moda europeia, mas também teve influência marcante na culinária, nas artes e na literatura. A partir disso, surgiu a necessidade de criar periódicos que pudessem suprir tais demandas, fornecendo às pessoas informações atualizadas sobre as novas tendências da moda, dicas de etiqueta, receitas culinárias, além de abordar temas relacionados às transformações políticas e sociais que estavam ocorrendo no país. De acordo com a pesquisadora Constância Lima Duarte:

A imprensa se encarregou de difundir, impondo à parcela esclarecida da elite o passo ditado pelo novo século. E as mulheres foram especialmente beneficiadas. Se predominava a indigência cultural, o sentimento de inferioridade e a reclusão mourisca – resumida no velho ditado: “A mulher só deve sair de casa três vezes: para batizar, casar e enterrar” –, o quadro começa a mudar com os ventos soprados da Europa e lentamente vai deixando de ser “heresia social” instruir o sexo feminino. (Duarte, 2016, p.6).

Nessa perspectiva, essas revistas tornaram-se importantes fontes de orientação e entretenimento para a sociedade da época, contribuindo para a disseminação e consolidação dessas influências europeias no Brasil. A imprensa desempenhou um papel significativo, influenciando a elite esclarecida a adotar as mudanças que o novo século trouxe consigo. É importante ressaltar que até o século XIX, a maioria das mulheres não eram alfabetizadas, já que tinham seu papel limitado ao espaço doméstico. O acesso livre à educação era restrito aos homens. Com essa nova demanda social, começou a haver uma transformação nessa ideia, e a educação das mulheres passou a ser vista como necessária.

Até o início do período imperial, em 1822, não havia preocupação com a educação formal feminina na colônia. Algumas mulheres de família mais abastadas iam estudar em Portugal, mas a grande maioria – seguindo a tradição patriarcal católica predominante no Brasil -, era educada em casa e essa educação restringia-se a prendas domésticas, à leitura de livros piedosos e morais e a rudimentos de escrita: aprendizado suficiente para administrar uma casa e comandar escravos. A alternativa para aquelas que queriam (e a quem era permitido) estudar era ir para um convento, cujo surgimento no Brasil data apenas da segunda metade do século XVII. Nessas instituições e mais tarde nos internatos católicos, as brasileiras tinham aulas de leitura e de escrita, música, de cantochão, órgão e trabalhos domésticos. (Almeida,2008, p.2).

Desse modo, em 1879, o governo brasileiro permitiu o acesso de mulheres a instituições superiores. Um ano depois, em 1880, o colégio Pedro II, também permitiu a entrada de alunas, porém essa prática foi temporária. Apesar dessas medidas, a opinião da sociedade era dividida em relação a inserção das mulheres na educação. Parte da população defendia e aceitava, e a outra parcela era totalmente contra. A citação de Duarte evidencia isso:

O direito de as mulheres frequentarem a escola secundária e superior enfrentou forte resistência por parte da sociedade que considerava tais estudos desnecessários para a formação das jovens. O androcentrismo da família patriarcal reservava aos homens os benefícios da cultura e se encarregava de excluir as mulheres desse universo. Por isso a imposição de uma educação diferenciada como forma de respeitar as “diferenças biológicas e morais” de cada sexo. Aos homens, uma educação que os preparasse para o mundo do trabalho; às mulheres bastava a “educação da agulha”, saber se comportar e atuar dentro da casa. Numa formação mais sofisticada, a jovem aprendia francês, música, pintura, as quatro operações, e ainda etiqueta, catecismo, culinária e princípios morais, o suficiente para formar a mulher que o discurso senhorial prescrevia: educada, meiga, acomodada. (Duarte, 2016, p.17).

As revistas femininas espelhavam essa dualidade. Enquanto alguns periódicos defendiam o direito da mulher à participação e educação, outros reforçavam que os papeis sociais das mulheres deveriam ser restritos ao lar. Contudo é preciso ressaltar que existiam outras revistas que saiam desse modelo. Dessa maneira, a emancipação intelectual, política e social das mulheres brasileiras ficou, portanto, sujeita a forças que ora a impulsionavam para a frente, ora a desejavam estagnadas na ignorância e na submissão. (Duarte, 2016). Essa dualidade presente na sociedade naquele momento evidencia os diferentes tipos de mulheres e as diversas expectativas sobre o papel feminino no Brasil. Enquanto algumas se mostravam progressistas, defendendo o direito das mulheres à educação e à participação em atividades para além do lar, outras mantinham posturas conservadoras, preservando as tradições e normas sociais vigentes, com a convicção de que o lugar da mulher deveria ser restrito ao ambiente doméstico. Além disso, é importante ressaltar que, embora existissem mulheres negras e indígenas na sociedade, a discussão sobre o acesso à educação estava predominantemente voltada para as mulheres brancas. O acesso das mulheres negras sequer entrava em discussão naquele período, o que evidencia uma triste realidade de exclusão e marginalização.

Outra questão que impulsionou a imprensa brasileira, e consequentemente as revistas femininas, foi o advento da tecnologia. Principalmente a partir da criação e implementação do “telegrafo” nos periódicos brasileiros. O telegrafo foi um equipamento de comunicação inventado em 1837, no entanto só chegou ao Brasil por volta de 1850. Esse aparelho revolucionou a comunicação, permitindo a transmissão de mensagens a longas distancias por meio de sinais elétricos. Antes de sua introdução, a disseminação de informações por meio de revistas era um processo lento e limitado. Essas publicações dependiam de métodos tradicionais, como por exemplo, a correspondência por carta, e tinham uma circulação localizada, resultando em uma difusão mais demorada e com um foco regional. No entanto a chegada do telegrafo possibilitou que a imprensa brasileira se expandisse, superando as barreiras geográficas, promovendo assim a circulação mais rápida de ideias e informações. De acordo com a jornalista e historiadora Marialva Barbosa:

O cinematógrafo, o fonografo, o gramofone, os daguerreótipos, a linotipo, as Marinoni são algumas das tecnologias que invadem a cena urbana e o imaginário social na virada do século XIX para o XX, introduzindo amplas transformações no cenário urbano e nos periódicos que circulavam na cidade. A entrada em cena desses modernos aparelhos tecnológicos produz alteração significativa no comportamento e na percepção dos que passam a conviver quotidianamente com eles. (...) Artefatos tecnológicos que mudam significativamente a maneira como se produzem os jornais: máquinas linotipos capazes de substituir o trabalho de até 12 dias composições manuais; máquinas de imprimir capazes de "vomitar" de 10 a 20 mil exemplares por hora. (...) Os periódicos transformam gradativamente seus modos de produção e o discurso com que se autorreferenciam. Passa a ser cada vez mais ícones da modernidade, numa cidade que quer ser símbolo de um novo tempo. (Barbosa, 2007, p. 21 e 22).

Essas inovações tecnológicas promoveram o desenvolvimento e expansão da imprensa no Brasil. A partir desse momento surge a chamada *Grande Imprensa,* possibilitando uma produção em grande escala. Com isso, as revistas femininas puderam atingir um público mais amplo e diversificado, abordando uma variedade de temas relevantes para as mulheres da época. Além disso, o avanço das tecnologias contribuiu para a disseminação e popularização das publicações, ampliando ainda mais sua influência na sociedade brasileira do século XX.

## 1.3 As primeiras revistas femininas do Brasil

O primeiro periódico feminino brasileiro teria sido *O “*Espelho Diamantino”,fundadopelojornalista Pierre Plancher[[10]](#footnote-10) em 20 de setembro de 1827, no Rio de Janeiro. O jornal falava sobre moda, política, literatura e belas artes, com periodicidade quinzenal. Por ter surgido antes da criação daLei de Instrução Pública[[11]](#footnote-11)*,* o número de leitores era bastante reduzido. De acordo com Duarte (2016) o *Espelho Diamantino* foi um dos jornais que defendiam a necessidade de proporcionar às mulheres o acesso ao conhecimento e à cultura.

Posteriormente, em 1829, surge o “Espelho das Brasileiras”, na cidade São João del-Rei, em Minas Gerais. O jornal foi idealizado por José Alcebíades Carneiro e circulou até 1832. Abordava uma diversidade de temas, englobando artes, política, ética familiar, tendências de moda e narrativas históricas. Conforme Duarte:

Impresso na Tipografia do Astro de Minas, saía regularmente nas sextas-feiras e era distribuído também em Ouro Preto, Campanha, Sabará e Rio de Janeiro. Mantinha-se através de assinaturas trimestrais ao preço de 800 réis, e da venda de exemplares avulsos por 80 réis. (...) A epígrafe resume seu projeto educacional para as mulheres: “Rendez-vous estimables par votre sagesse et vos moeurs”. Ou seja, “Tornem-se estimáveis por vossa sabedoria e vossos costumes”. (Duarte, 2016).

O *Espelho das Brasileiras* buscava contribuir para a instrução do público feminino. Assim, reservava um espaço para opiniões e produções literárias de suas leitoras. Duarte, menciona Beatriz Brandão, uma poetisa que teria feito um longo poema político dedicado à liberdade e um hino patriótico de sua autoria, ambos publicados nas edições 14 e 17, respectivamente, do jornal. (Duarte, 2016, p.35). O periódico transitou até 1832. Nos anos seguintes, vários outros periódicos femininos circularam no Brasil. Entre eles, o *Manual das Brasileiras* (1830), *O Despertador das Brasileiras* (1831), O Espelho das Brasileiras (1831), entre outros. Segundo Duarte:

É interessante observar como os títulos dos primeiros jornais e revistas se relacionam ao campo semântico da educação, revelando a ideologia patriarcal que os dominava. Ao se apresentarem como Mentor, Farol, despertador ou Espelho, eles se colocam acima das mulheres e como guias responsáveis pela mudança de seu status quo. Naquela época, jornal e revista, observo, tinham a mesma aparência, distinguindo-se apenas na diversidade de gêneros literários e nas matérias de entretenimento, que costumavam ser maiores nas denominadas revistas. (Duarte, 2016, p.14).

A autora destaca de maneira perspicaz como os títulos dos primeiros jornais e revistas femininas refletiam a influência da ideologia patriarcal da época. Ao adotarem denominações como "Mentor", "Farol", "Despertador" e "Espelho", essas publicações se posicionavam como guias autoritários, assumindo a responsabilidade pela transformação do papel das mulheres na sociedade.

Somente em 1852 no Rio de Janeiro, surge a primeira revista feminina escrita por uma mulher, “O Jornal das Senhoras” criado por Joana Paula Manso de Noronha[[12]](#footnote-12). O periódico circulava aos domingos, e abordava uma variedade de temas, incluindo moda, literatura e teatro. Além disso, continha textos que defendiam a emancipação feminina. Conforme Duarte:

A publicação de Joana Paula Manso de Noronha logo se destacou dos periódicos dirigidos ao público feminino. Enquanto os outros se ocupavam principalmente em distrair a mulher que permanecia em casa, O Jornal das Senhoras assumiu um discurso emancipacionista, incentivando mulheres a buscarem instrução e se conscientizarem do seu valor. (Duarte, 2016, p.125).

Joana Paula foi editora da revista durante aproximadamente seis meses, posteriormente, Violante Atabalipa Ximenes Bivar e Vellasco[[13]](#footnote-13) assumiu a direção. Com essa mudança, o periódico diminuiu a publicação de textos sobre a emancipação feminina, focando mais em assuntos sobre moda, saúde e teatro. O jornal circulou até 1855.

O primeiro grande periódico feminino do Brasil foi a “Revista Feminina” criado em 1914 por Virgilina de Souza Salles[[14]](#footnote-14). Considerado grande devido à sua influência e alcance significativo, a revista era organizada em quatro seções: Moda, Menu do meu Marido, Trabalhos Femininos e Como Enfeitar minha Casa. A editora dizia assumir a missão de promover a emancipação das mulheres, abordando temas diretamente relevantes para o universo feminino. Na concepção da pesquisadora Dulcilia Buitoni, a grande inovação da *Revista Feminina* em relação a outros periódicos que circulavam na época, foi seu esquema comercial. A revista era propriedade da “Empresa Feminina Brasileira” que fabricava produtos destinados às mulheres. (Buitoni, 1990). Ou seja, o periódico anunciava em suas páginas esses produtos, o que contribuiu para o seu sucesso e permanência durante vinte e dois anos. Além disso, a abordagem comercial da revista também a destacou, permitindo-a se consolidar como um dos principais veículos de comunicação voltados para o público feminino na época.

Apesar da existência de inúmeras revistas femininas, o presente trabalho redirecionara seu foco para o periódico “Jornal das Moças” fundado em 1914. Historicamente, as revistas exerceram grande influência na sociedade, muitas vezes sendo utilizada como meios de persuasão e manipulação. Ao analisarmos um jornal ou revista de qualquer época, podemos obter uma visão abrangente de como aquela sociedade se comportava. Através deles é possível identificar os costumes, hábitos, culturas, e modos de vida. No século XX, as revistas femininas brasileiras desempenharam um papel significativo na construção da imagem feminina. Dessa forma, no próximo capítulo será analisado as representações das mulheres no “Jornal das Moças” na primeira metade do século XX. Investigaremos a forma como essas mulheres eram retratadas, e como essas representações refletiam na cultura daquela sociedade.

# CAPÍTULO 2: “JORNAL DAS MOÇAS” E AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX.

## 2.1 História Cultural: Cultura e Representação

O presente trabalho se enquadra na chamada História Cultural. No entanto, antes de aprofundarmos nessa discussão, é preciso definir o que se entende por cultura. O conceito de cultura, ao decorrer do tempo, ganhou inúmeras e diferentes definições, assim como diversos significados em cada sociedade. Contudo, neste trabalho, irei adotar as perspectivas apresentadas pelo antropólogo Clifford Geertz e pelo historiador Peter Burke. Segundo Geertz:

[...] A cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descrita com densidade (Geertz, 1989, p. 23).

Ou seja, na perspectiva de Geertz, a cultura pode ser entendida como um conjunto de significados amplamente aceitos e compartilhados dentro de uma sociedade. Para o antropólogo, a cultura não está ligada diretamente ao poder, mas sim à forma como as pessoas interpretam e dão sentido ao mundo ao seu redor. Ademais, ele destaca que a cultura não existe isoladamente, mas é parte integrante de um contexto específico, envolvendo sistemas complexos de símbolos interconectados, que as pessoas podem entender e interpretar em conjunto. (Geertz, 1989).

Ainda sobre o conceito de cultura, o historiador inglês Peter Burke traz uma abordagem interdisciplinar. O historiador se utiliza de métodos e perspectivas da história, antropologia, sociologia e outras disciplinas para analisar a cultura. Burke acredita que uma compreensão completa da cultura requer a consideração de várias dimensões e influências. Nesse sentido, entende a cultura como um processo em constante transformação ao longo do tempo. Segundo o historiador:

Em um primeiro momento, o termo cultura era utilizado para se referir as artes e a ciência. Depois, foi utilizado para descrever a música folclórica, medicina popular entre outros. Já a última geração, passou a se referir a uma ampla gama de artefatos (imagens, ferramentas, casas e assim por diante) e práticas (conversar, ler, jogar). (Burke, 2005, p. 28).

Assim, a partir da concepção de Burke, a cultura pode ser entendida como um conjunto de práticas, crenças, valores, costumes, símbolos e expressões simbólicas compartilhadas por um grupo de pessoas em uma determinada sociedade ou comunidade. Além disso, a cultura é dinâmica e está em constante transformação é moldada e molda as relações sociais e as identidades individuais e coletivas.

A partir do conceito de cultura os pensadores da história forjaram conceitos sobre o que poderia ser definido como História Cultural. Nesse sentido, a História Cultural, pode ser definida como uma abordagem que visa compreender as mentalidades, as práticas simbólicas e as expressões culturais de uma determinada sociedade em um determinado período histórico. Essa corrente historiográfica ganha força principalmente a partir do século XX, surgindo com uma reação à historiografia da época, que priorizava os estudos voltados às questões políticas e econômicas. Conforme o historiador Roger Chartier “A História Cultural, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada dada a ler”. (Chartier, 1990, p.16).

Nessa mesma perspectiva, Peter Burke define que a História Cultural se concentra nas representações culturais, nos sistemas simbólicos e nas formas de comunicação, buscando compreender como esses elementos moldam e são moldados pela sociedade em questão. Ou seja, essa abordagem valoriza o estudo das crenças, dos valores, dos rituais, das artes, das mídias e de outras expressões culturais como fontes importantes para a compreensão das sociedades e seus processos de mudança ao longo do tempo. (Burke, 2005).

Dentro desse campo de estudo existem diversos conceitos, entre eles o da “Representação”. Mas afinal, o que é representação? O conceito de representação pode ser definido como uma construção social e histórica, refere-se à forma como algo é retratado, descrito ou simbolizado. O historiador Roger Chartier, define da seguinte forma:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. A percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso está investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos, desafios, se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas económicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio. (Chartier,1990, p.17).

Nesse sentido, as representações são entendidas como formas de classificar e dividir o mundo social, que pode condicionar nossa percepção da realidade. Segundo ele, essas representações variam conforme os grupos sociais, sendo influenciadas pelos interesses desses grupos. Para Chartier, as representações não são neutras, podendo sofrer transformações ao longo do tempo. Além disso, estão sujeitas a competições e lutas para impor diferentes visões do mundo social.

Nesse mesmo enfoque, a historiadora brasileira Sandra Jatahy traz a seguinte definição:

A representação envolve processos de percepção, identificação, reconhecimento, classificação, legitimação e exclusão. As representações são também portadoras do simbólico, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão. (Pesavento, 1998, p.22).

Ou seja, para a historiadora as representações são processos complexos, carregados de significados, influenciados por fatores sociais, históricos e culturais. Elas não são meras descrições objetivas da realidade, mas refletem perspectivas, visões, valores e estruturas de poder. Assim, partindo desses pressupostos, as representações das mulheres nas revistas femininas são construções complexas que refletem e influenciam as diferentes expectativas sociais em relação a elas na sociedade. Além disso, ao analisarmos essas representações, é possível compreender o poder da mídia na construção e disseminação dessas imagens e ideais.

## 2.2 Imprensa feminina no Brasil: O *Jornal das Moças*

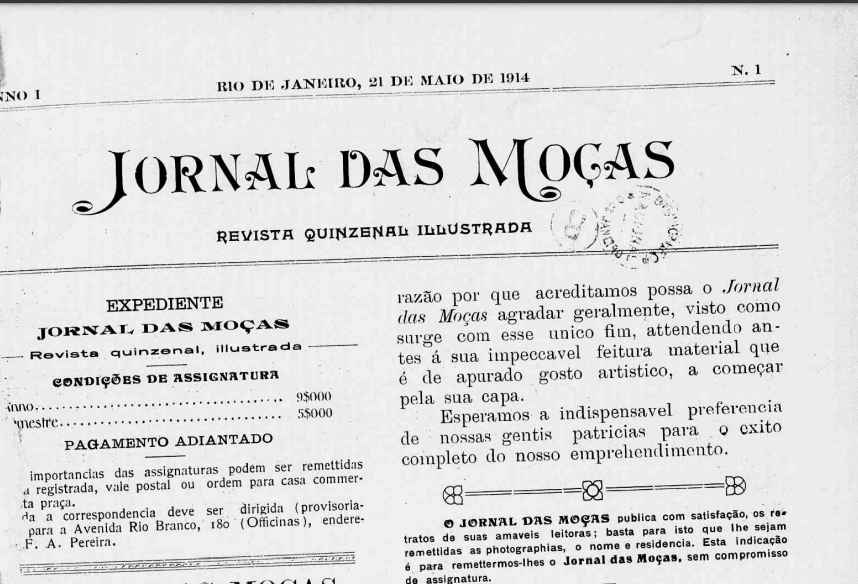
O *Jornal das Moças* foi fundado em maio de 1914, e circulou até dezembro de 1968. Inicialmente, era um periódico quinzenal, depois, devido ao sucesso, passou a publicar semanalmente. Possuía em torno de 70 páginas, e abordava assuntos como: moda, dicas de beleza e comportamentos, anúncios, crônicas, culinária, entre outros.

Figura 1 Capa do Jornal das Moças



Fonte: “Jornal das Moças. 21 de maio,1914.

Figura 2 Contracapa do jornal.



Fonte: “Jornal das Moças”. 21 de maio,1914.

As imagens são da primeira edição do jornal. Na capa é possível identificar o nome, a data de publicação e o valor do periódico. A figura 2, traz algumas informações sobre as condições de assinatura da revista. Assim, identificada como uma revista quinzenal ilustrada, as assinaturas poderiam ocorrer anualmente custando 9000 reis, ou por semestre, no valor de 5000 reis. A revista era dirigida por Álvaro Meneses e Agostinho Meneses[[15]](#footnote-15), e circulava em todo o país.

O jornal das Moças não era somente um meio de entretenimento ou um passatempo, com frivolidades para as jovens moças e as donas de casa. Também era um caderno periódico informativo, com dicas sobre moda e com as últimas tendências parisienses, dicas de beleza, artes como a poesia e a pintura, curiosidades, propagandas de produtos dos mais variados de lingerie, produtos de limpeza, utensílios domésticos, receitas gastronômicas. E, principalmente, era um ditador de comportamento social, familiar e religioso, reforçando o papel idealizado ou esperado da sociedade com relação ao papel da mulher, o qual mudava conforme a passagem das décadas, repaginando-a ou mantendo-a em um padrão desejado pelo estado, sociedade e meios de comunicação. (Soares e Silva, 2013, p.2).

Nessa perspectiva, além do jornal fornecer dicas sobre moda, conselhos de beleza, arte, curiosidades e anúncios de produtos relacionados ao universo feminino, também atuava como um "ditador” de comportamento social, familiar e religioso. De acordo com Bassanezi (2008), o jornal desempenhava o papel de conselheiro, fornecendo informações relevantes e servindo como companheiras de lazer, especialmente em um contexto em que a televisão ainda não era amplamente difundida no país. Desse modo, exerceu influência significativa na realidade das mulheres da época. Ou seja, o periódico exercia influência na forma como as mulheres deveriam se comportar na sociedade, na família e na religião. Ele reforçava o papel idealizado ou esperado da mulher na sociedade, que podia mudar ao longo das décadas, sendo adaptado ou mantido de acordo com o que era desejado pelo estado, pela sociedade e pelos meios de comunicação da época. Desse modo, nos próximos tópicos será analisado a forma como as mulheres eram representadas nesse jornal.

## 2.3 O *Jornal das Moças* e as representações das mulheres

**“**Bela, meiga, delicada, recatada e do lar”. Essas são algumas das expressões usadas pelas revistas femininas no século XX, para descrever como a mulher “ideal” deveria ser. O século XX foi marcado por diversas transformações sociais, políticas e econômicas. Com o desenvolvimento industrial, e a crescente urbanização, novas demandas sociais surgiram. Segundo a historiadora Margareth Rago (1985) no período entre o final do século XIX e início do século XX, a sociedade brasileira passou por um processo de reconfiguração, que incluiu a implementação de políticas urbanas e ações de controle social, visando criar uma cidade mais disciplinada e moralmente aceitável. Nessa perspectiva, a sociedade burguesa buscou construir e impor um novo modelo de família. Nesse novo modelo, a mulher era vista como a principal responsável pelo cuidado do lar. Conforme Rago:

Frágil e soberana, abnegada e vigilante, um novo modelo normativo de mulher, elaborado desde meados do século XIX, prega novas formas de comportamento e de etiqueta, inicialmente às moças das famílias mais abastadas e paulatinamente às classes trabalhadoras, exaltando as virtudes burguesas da laboriosidade, da castidade, e do esforço individual. Por caminhos sofisticados e sinuosos se forja uma representação simbólica da mulher, a esposa-mãe-dona-de-casa, afetiva, mas assexuada, no momento mesmo em que novas exigências da crescente urbanização e do desenvolvimento comercial e industrial que ocorrem nos principais centros do país solicitam sua presença nos espaços públicos das ruas. (...) Às mulheres ricas, as exigências de um bom preparo e educação para o casamento, tanto quanto preocupações estéticas, com a moda ou com a casa. (Rago, 1985, p.62).

Nessa perspectiva, é importante ressaltar que sempre houve a imposição de padrões específicos para as mulheres, seja em termos de comportamento, aparência ou papel na sociedade. O que muda a partir do século XIX é que a sociedade brasileira passou por uma reconfiguração das normas sociais, influenciada principalmente pelos ideais do Higienismo e Positivismo[[16]](#footnote-16). De acordo com essa visão, as mulheres eram consideradas as principais responsáveis pela preservação da família e da moral cristã. Além disso, acreditava-se que o futuro da nação e da família estava nas mãos das mulheres, responsáveis pela manutenção dos valores e princípios considerados essenciais para a sociedade da época.

O século XX, nas suas décadas iniciais, definiu uma imagem feminina que se espelhava nas formulações do Positivismo e Higienismo do século XIX. De acordo com essa imagética, às mulheres eram atribuídas diversas qualificações. Eram as principais responsáveis pela preservação da família e da moral cristã, possuidoras de atributos de pureza, bondade e submissão e exaltadas como generosas e meigas, em cujas mãos repousavam o futuro da Pátria e da família. (Almeida, 2013, p.2).

O Higienismo enfatizava a importância da saúde e da higiene na sociedade. Como, por exemplo, práticas relacionadas à limpeza pessoal, saneamento e cuidados com o ambiente. Dentro desse contexto, as mulheres eram frequentemente vistas como as principais responsáveis pela saúde e limpeza no ambiente doméstico. Ou seja, os discursos higienistas reforçavam a concepção de que o papel social da mulher deveria ser restrito ao lar, no cuidado com a casa, com os filhos, com o marido.

Aos discursos masculinos e normativos dos poderes públicos, dos industriais, que designam o lugar da mulher na sociedade e constroem sua identidade, vem acrescentar-se uma outra fala que, “científica”, fornecera todos os suportes teóricos de sustentação àqueles: O discurso médico-sanitarista. (...) O poder médico formulara todo um discurso, a partir de meados do século XIX, de valorização do papel da mulher, representada pela figura da “guardiã do lar”. (Rago, 1985, p.75).

O positivismo promovia a ideia de que a sociedade deveria ser organizada de acordo com princípios científicos, baseados na observação empírica e na aplicação do método científico. Ou seja, buscava-se estabelecer uma ordem social baseada em princípios racionais e científicos. No livro “A formação das almas: O imaginário da república no Brasil” o historiador José Murilo de Carvalho discute que Auguste Comte passou por uma “regeneração moral” após o seu convívio com Clotilde de Vaux[[17]](#footnote-17). Anteriormente, a razão havia sido fundamental em sua obra, mas a influência de Clotilde levou Comte a dar maior importância ao sentimento, deslocando a razão para uma posição subordinada. Assim, a filosofia do Comte adquiriu características religiosas e utópicas. Conforme Carvalho:

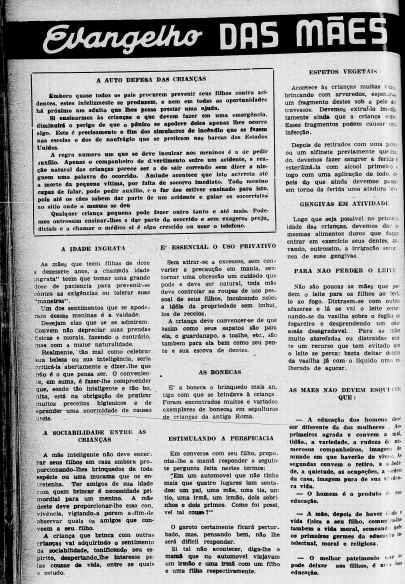
A guinada “cloltideana” foi indiscutível na elaborada visão da mulher e de seu papel na evolução social. No *Cours de philosophie,* sua posição em relação à mulher não discrepava da visão tradicional de inferioridade em relação ao homem. Agora, misturando descobertas da biologia e visões católico-feudais, ele terminou por afirmar a superioridade social e moral da mulher sobre o homem. Tal superioridade se basearia no fato de a mulher representar o lado afetivo e altruístico da natureza humana, ao passo que o homem seria o lado ativo e egoísta. A mulher, como o demonstraria a biologia; seria o principal responsável pela reprodução da espécie; enquanto o homem se prestaria mais à transformação do ambiente, a atividade industrial. Na preservação dá espécie, o papel da mulher não se limitaria à reprodução, mas se daria especialmente na família em que, como mãe, ela teria a responsabilidade da formação moral do futuro cidadão. (Carvalho,1990, p.130).

É necessário enfatizar que naquele momento a República estava se estabelecendo. Segundo, Margareth Rago “A mulher vai ser o centro de todo um esforço de propagação de um modelo imaginário de família, orientado para a intimidade do lar”. (Rago,1985, p.75). Nesse sentido, os republicanos se apropriaram dessas formulações positivistas para legitimar a concepção de que as mulheres eram as principais responsáveis pela preservação da ordem moral e social, reforçando a ideia que deveriam priorizar suas responsabilidades no lar. Embora sempre tenha havido expectativas e normas sociais em relação aos comportamentos e papeis das mulheres na sociedade, o que muda é o fato de existirem revistas femininas de longo alcance, propagando e refletindo essas concepções. Ao analisar o Jornal *das Moças* é evidente a disseminação dessas concepções higienistas e positivistas que restringiam o papel social da mulher ao esposa-mãe-dona-de-casa.

### 2.3.1 A mulher no papel de mãe-esposa-dona de casa.

Ao analisar o conteúdo do *Jornal das Moças*, as primeiras representações identificadas associam as mulheres predominantemente aos papéis de mãe, esposa e dona de casa. Embora, o jornal apresente diversas publicações, anúncios, crônicas que também traziam a ideia da mulher restrita ao ambiente doméstico, uma seção em especifico tratava sobre o assunto de forma bem enfatizada. Essa seção se denominava "Evangelho das Mães".

Figura 3 "Evangelho das Mães



Fonte: “Jornal das Moças. 3 de fevereiro de 1944.

Essa seção foi recorrente no jornal durante quase todo o seu período de circulação. Tratava sobre assuntos variados, abordando desde o cuidado com os filhos, passando pela gestação, alimentação, comportamento, educação e saúde, até fornecer orientações sobre como desempenhar os papéis de mãe, mulher e esposa. Conforme Rago:

A promoção de um novo modelo de feminilidade, a esposa-dona-de-casa-mãe-de-família, e uma preocupação especial com a infância, percebida como riqueza em potencial da nação, constituíram as peças mestres deste jogo de agenciamento das relações intrafamiliares. Á mulher cabia, agora, atentar para os mínimos detalhes da vida cotidiana de cada um dos membros da família, vigiar seus horários, estar a par de todos os pequenos fatos do dia a dia, prevenir a emergência de qualquer sinal de doença ou do desvio. Complementarmente, a criança passou a ser considerada como ser especial, que requeria todos os cuidados dos médicos, novos aliados da mãe. (Rago, 1985, p.62).

A fala de Rago descreve uma mudança no papel da mulher e nas relações familiares, destacando a promoção de um novo modelo de feminilidade centrado na figura da "esposa-dona-de-casa-mãe-de-família". Essa mudança vem acompanhada de uma preocupação especial com a infância, que vai ser vista como uma "riqueza em potencial da nação". Nesse novo contexto, a mulher é encarregada de atentar para os detalhes da vida cotidiana de cada membro da família, monitorar horários, conhecer todos os pequenos fatos do dia a dia e prevenir sinais de doença ou desvio. Essas questões são evidenciadas no *Jornal das Moças.*

AS MÃES NÃO DEVEM ESQUECER QUE AS TAREFAS DAS DONAS DE CASA SÃO AS SEGUINTES:

-preparar, pelo menos mentalmente, o programa de cada dia.

-determinar refeições saudáveis.

-controlar as despesas.

-manter a casa em ordem.

-verificar os trabalhos escolares de seus filhos.

-fazer com que os mesmos cumpram com seus deveres higiênicos, fornecendo-lhes em seguida roupa limpa.

-não receber visitas em horas impróprias.

-ter a tempo e a hora o necessário para o pagamento aos fornecedores.

-não esquecer jamais de que a alimentação de uma criança exige mais cuidado do que a de um adulto.

-cuidar sempre de seu aspecto pessoal.

-proporcionar momentos de descanso para seus filhos, seu esposo e para si.

(Jornal das Moças- Evangelho das mães. 24 de agosto 1949, p.16),

O trecho retirado da seção "Evangelho das Mães" mostra claramente as expectativas e responsabilidades associadas ao papel da mãe na sociedade daquela época. As tarefas atribuídas indicam um conjunto detalhado de responsabilidades, destacando a centralidade da mulher no ambiente doméstico e na gestão da família. Nessa perceptiva, eram atribuídas as mulheres diversas atividades, desde o planejamento diário até a seleção de refeições saudáveis, controle de despesas e manutenção da ordem na casa. Além disso, deviam participar da educação dos filhos, verificando por exemplo, os trabalhos escolares. Segundo Bassanezi:

Na família modelo dessa época, os homens tinham autoridade e poder sobre as mulheres e eram os responsáveis pelo sustento da esposa e dos filhos. A mulher ideal era definida a partir dos papéis femininos tradicionais – ocupações domésticas e o cuidado dos filhos e do marido – e das características próprias da feminilidade, como instinto materno, pureza, resignação e doçura. Ser mãe, esposa e dona de casa era considerado o destino natural das mulheres. (...) A maternidade, casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina; sem história, sem possibilidades de contestação. A vocação prioritária para a maternidade e a vida doméstica seriam marcas de feminilidade, enquanto a iniciativa, a participação no mercado de trabalho, a força e o espírito de aventura definiriam a masculinidade. A mulher que não seguisse seus caminhos, estaria indo contra a natureza, não poderia ser realmente feliz ou fazer com que outras pessoas fossem felizes. Assim, desde criança, a menina deveria ser educada para ser boa mãe e dona de casa exemplar. As prendas domésticas eram consideradas imprescindíveis no currículo de qualquer moça que desejasse se casar. E o casamento, porta de entrada para a realização feminina, era tido como “o objetivo” de vida de todas as jovens solteiras. (Bassanezi, 2004, p.510).

Nesse sentido, o casamento e a maternidade eram vistos como o objetivo principal na vida de toda mulher. A concepção de felicidade estava intrinsecamente vinculada à instituição matrimonial. Conforme apontado por Margareth Rago (1985), durante essa época, os profissionais da medicina adotavam um discurso científico para legitimar a convicção de que a maternidade era uma obrigação inerente a todas as mulheres. Nesse sentido, o discurso médico afirmava que as mulheres possuíam uma "vocação natural" para a procriação. “Este discurso pretende fundar um novo modelo de feminilidade e convencer a mulher de que deve corresponder a ele”. (Rago,1985, p.75). O trecho a seguir retirado do *Jornal das Moças* evidencia a pressão social sobre as mulheres para aderirem à maternidade. “A grande, a elevada, a importante função da mulher na sociedade humana não é ser doutora, telegrafista, boticária, comerciária, jornalista, etc.: é ser mãe e esposa”. (Jornal das Moças - Evangelho das Mães,26 de janeiro,1950, p.81).

Este fragmento enfatiza a visão de que as mulheres devem priorizar os papéis de mãe e esposa em detrimento de outras profissões ou atividades fora do âmbito doméstico. Dessa forma, as profissões citadas, “doutora, telegrafista, boticária, comerciaria, jornalista” entres outras, são colocadas como menos significativas ou relevantes em comparação com a maternidade e o papel de esposa. Nessa perspectiva, Rago discute que isso provoca a “desvalorização profissional, política e intelectual da mulher”. (Rago, 1985, p.65). Outro fragmento do jornal destaca a divisão de responsabilidades entre marido e esposa, atribuindo ao homem as responsabilidades materiais e à mulher as responsabilidades morais, no que diz respeito à manutenção do lar.

Passada a época inicial de um matrimônio, quando já não se justifiquem as fantasias multicores das ilusões da mocidade, o casal deve encaminhar seu pensamento para as responsabilidades que cabem a cada um na manutenção do seu lar. A parte material é quase toda afeta ao esposo, mas a moral está entregue também quase toda à esposa. E esta é muito importante. Da mulher dona de casa mui depende o conceito de família. E este deve estar sempre em plano muito elevado. (Jornal das Moças, Evangelhos da Mãe, 1956, p.17).

Essa perspectiva, em que o homem era e considerado o provedor financeiro da família, e a mulher cabia a responsabilidade moral, reflete o patriarcalismo presente naquela sociedade. O patriarcalismo é algo complexo de se conceituar, pois sua definição varia ao longo do tempo e em diferentes contextos socioculturais. Mas, o patriarcado pode ser definido como um sistema que se adapta às crenças, valores, e normas culturais de cada localidade e período histórico. Essa característica do patriarcado permite que ele se retroalimente e se sustente de acordo com as particularidades de cada sociedade. A historiadora Gerda Lerner define da seguinte forma:

O Patriarcado é uma criação histórica formada por homens e mulheres em um processo que levou quase 2.500 até ser concluído. A princípio, o patriarcado apareceu como Estado arcaico. A unidade básica de sua organização foi a família patriarcal, que expressava e criava de modo incessante suas regras e valores. (Lerner, 2019, p 350).

Ou seja, o patriarcado não surgiu repentinamente, ele desenvolveu-se ao longo de um processo histórico. A família patriarcal, que a autora cita, era organizada em torno do pai, que exercia um papel central na tomada de decisões e no controle dos recursos familiares. Assim, essa estrutura social era caracterizada pela predominância do homem como figura de autoridade e detentor do poder. Enquanto os outros membros tinham papeis mais subordinados.

Apesar do conceito de patriarcado ser complexo, adquirindo novas formas ao decorrer do tempo, ele possuí dois fundamentos básicos: a manutenção de uma relação de poder que sustenta uma ordem hierárquica na qual os homens ocupam uma posição de superioridade em relação às mulheres. Além disso, são estabelecidas estratégias variadas para que as mulheres se submetam voluntariamente a essa situação de subordinação e subalternidade, de modo que essa submissão ocorra de maneira pacífica e esteja de acordo com as estruturas desiguais de poder. (Eggert, e col. 2021, p.36).

O *Jornal das Moças*, ao enfatizar que as mulheres devem se restringir ao ambiente doméstico, à maternidade e ao papel de esposa, está alinhado com as características do patriarcado, conforme discutido na citação de Eggert e colaboradores (2021). O patriarcado, ao longo do tempo, adquiriu diferentes formas, mas mantém dois fundamentos básicos: a sustentação de uma relação de poder que estabelece uma ordem hierárquica, na qual os homens ocupam uma posição de superioridade em relação às mulheres. Ao delimitar os papéis femininos ao âmbito doméstico, maternidade e esposas, o *Jornal das Moças* contribui para a manutenção dessa ordem patriarcal, onde as mulheres são colocadas em posições subalternas e subordinadas. Reforçando a ideia de que as mulheres devem se submeter voluntariamente a essa situação de subordinação e aceitar pacificamente as estruturas desiguais de poder.

### 2.3.2 O ideal de beleza feminino

A beleza era um dos assuntos mais recorrentes no *Jornal das Moças.* Operiódico frequentemente trazia matérias e anúncios relacionados a produtos de beleza, moda e comportamento social, oferecendo orientações sobre como as mulheres deveriam se vestir, se portar e cuidar de sua aparência. O jornal era fortemente influenciado pela moda europeia, especialmente de Paris. Nessa perspectiva, o periódico era composto por uma seção chamada “Modas e Modos” que tratava sobre as últimas tendências em roupas, acessórios e penteados da moda parisiense, adaptando ao contexto brasileiro.

Figura 4 Modas e Modos



Fonte: “Jornal das Moças. 1 de junho,1914.

Essa seção não apenas ditava o que estava em alta em termos de vestimenta e estilo, mas também oferecia orientações sobre como as mulheres deveriam se portar e interagir na sociedade. A aparência aparecia como uma das preocupações centrais naquele momento, e o jornal se utilizava desse assunto para atrair o público feminino. Segundo a jornalista e escritora Naomi Wolf em seu livro “O mito da beleza”, o culto à aparência física tem sido uma característica persistente em muitas sociedades, e o sexo feminino frequentemente foi mais afetado por essas expectativas estéticas. (Wolf,1992). Ademais, ao analisar as imagens dessa seção é perceptível que o ideal de beleza retratado na revista *Jornal das Moças* é baseado no padrão da mulher europeia, evidenciando mulheres brancas, elegantemente vestidas, magras, de cabelos lisos e bem-arrumados.

O fato da estética e beleza ocupar um espaço proeminente nas páginas do Jornal das Moças, revelando-se como um tema central e constante no periódico, pode ser explicado, em parte, de acordo com o filósofo Gilles Lipovetsky, devido ao desenvolvimento das indústrias de cosméticos, moda e publicidade. Segundo Lipovetsky:

(...) Assiste-se à multiplicação de recomendações relativas à aparência física; as revistas impõem que as mulheres façam ginásticas todas as manhãs, tomem refeições leves para se manterem esbeltas, utilizem óleos solares para se bronzearem, maquiem os olhos e os lábios, depilem as sobrancelhas, ponham verniz nas unhas das mãos e dos pés. Deixando de estar associados à imagem das ‘coquetes’ e das mundanas, os artifícios cosméticos são apresentados como a realização legítima da beleza; já não uma prática censurável mas, antes, uma obrigação de toda a mulher que deseja conservar o seu marido; já não um indício de mau gosto, mas um imperativo de civilidade. (Lipovetsky, 2000, p.154).

Essa pressão social para que as mulheres atendam a padrões específicos de beleza é perceptível no *Jornal das Moças*. O periódico era composto por diversas seções dedicadas ao assunto, como, por exemplo, “Conselhos de beleza”, “A arte de ser elegante”, “O que a mulher deve ser”. Essas seções abordavam tópicos como, aparência física, cuidados com a pele, maquiagem, cabelo, moda e até mesmo questões de etiqueta e comportamento social.

Figura 5 Conselhos de beleza



Fonte: Jornal das Moças. 24 de maio, 1934.

A seção "Conselhos de beleza" era uma presença constante no periódico, oferecendo em cada edição dicas para cuidados com a pele, rosto, cabelo, corpo, pernas, pés, dentes e muito mais. Na imagem acima, a publicação destaca sugestões para conquistar pernas formosas, ressaltando que esse é o sonho de praticamente todas as jovens. O texto enfatiza características como "pernas bem formadas", "barriga modelada", "tornozelo fino" e "pele fina e branca" como ideais para o sexo feminino. Naomi Wolf diz o seguinte:

(...) "beleza" é um sistema monetário semelhante ao padrão ouro. Como qualquer, sistema, ele é determinado pela política e, na era moderna no mundo ocidental, consiste no último e melhor conjunto de crenças a manter intacto o domínio masculino. Ao atribuir valor às mulheres numa hierarquia vertical, de acordo com um padrão físico imposto culturalmente, ele expressa relações de poder segundo as quais as mulheres precisam competir de forma antinatural por recursos dos quais os homens se apropriaram. (Wolf,1992, p.11).

Nesse trecho, a autora compara a concepção de "beleza" a um sistema monetário, sugerindo que, assim como em um sistema financeiro, a "beleza" é um conjunto de crenças moldadas culturalmente para avaliar e hierarquizar mulheres com base em padrões físicos. A autora argumenta que essa construção não é inerente, mas sim determinada por fatores políticos e culturais. Além disso, associa a beleza a uma ferramenta de controle, onde é exercido a dominação masculina. Ao estabelecer padrões de beleza, a mulher é compelida a buscar, mesmo que de forma antinatural, esse ideal de beleza. As imagens as seguir refletem essa pressão social para que as mulheres busquem e façam de tudo para alcançar a beleza.

Figura 6 "A beleza é obrigação"

****

Fonte: Jornal das moças. 30 de dezembro de 1948.

.

Figura 7 Propaganda sobre produto para beleza

****

Fonte: *Jornal das Moças*. N.551, p.38.

Ambas as imagens são anúncios promovendo produtos para a pele. Na primeira é destacado o creme de “al-face brilhante”. O produto é descrito como tendo ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a pele, conferindo-lhe um ar de naturalidade encantador. O texto do anuncio promove a ideia de que a beleza é uma obrigação para as mulheres, e que naqueles dias, a feiura era uma escolha, implicando que há recursos disponíveis, como cremes, para aprimorar a aparência. Já a segunda propaganda, promove a “Pasta Russa”, um medicamento que promete em menos de dois meses, tornar os seios mais bonitos, desenvolvidos, fortificados e atraentes. O texto da propaganda enfatiza a importância dos seios femininos na beleza, é argumentado que feições sem beleza e regularidade não impedem que uma mulher seja encantadora, desde que ela tenha seios bem formados e arredondados.

Nessa perspectiva, ambas as propagandas são problemáticas, pois, reforçam a narrativa prejudicial de que as mulheres devem fazer tudo ao seu alcance para atender a padrões estéticos socialmente construídos. A descrição do "Creme de Al-face Brilhante” como uma ferramenta para embranquecer, afinar e refrescar a pele também é problemática. Uma vez que a ênfase no embranquecimento da pele pode contribuir para a promoção de padrões de beleza eurocêntricos, ignorando e marginalizando os diferentes tons de pele. Além disso, o segundo anuncio ao colocar uma ênfase excessiva na aparência física, especificamente nos seios, como um critério central para a beleza feminina perpetua padrões estereotipados de beleza. Ao sugerir que a beleza é mais bem representada por seios bem formados, o texto contribui para a objetificação das mulheres, ignorando a diversidade de formas e tamanhos que existem. Segundo Wolf (1992) essa pressão constante para alcançar um determinado ideal de beleza pode ter implicações negativas na autoestima das mulheres, promovendo a ideia de que a validação e aceitação social estão intrinsecamente ligadas à conformidade com padrões estéticos.

Apesar da ênfase na aparência física, a beleza no contexto do jornal das moças, vai muito além da estética. Além de possuir uma boa aparência, esperava-se que as mulheres fossem elegantes, graciosas e soubessem se portar adequadamente. Conforme Wolf:

O mito da beleza não tem absolutamente nada a ver com as mulheres. Ele diz respeito às instituições masculinas e ao poder institucional dos homens. As qualidades que um determinado período considera belas nas mulheres são apenas símbolos do comportamento feminino que aquele período julga ser desejável. O mito da beleza na realidade sempre determina o comportamento, não a aparência. (Wolf, 1992, p.17).

Ou seja, a ideia é que o que é considerado "belo" em uma mulher em uma época específica não é apenas uma questão de estética, mas sim um reflexo das normas e valores que a sociedade, frequentemente moldada por instituições lideradas por homens, considera apropriados para o comportamento feminino. Nesse sentido, o *Jornal das Moças*, não apenas impõem padrões estéticos, mas também dita o comportamento que é considerado aceitável ou desejável para as mulheres. Segundo a historiadora Michelle Perrot:

[...] as mulheres, em primeiro lugar, são vistas, descritas e representadas pelos homens. Trata-se em seguida de imaginar as mulheres através desses depoimentos. Isso implica um trabalho de análise crítica e desconstrução da linguagem e das imagens, que faz parte dos métodos atuais de decifração dos discursos e dos quais a história das mulheres é parte integrante no mais alto ponto. Ela serve-se dos mais contemporâneos materiais e instrumentos para atender às suas próprias necessidades (Perrot, 2005, p. 9).

Nessa perspectiva, é preciso levar em consideração que o *Jornal das Moças* era dirigido por homens. Ou seja, as representações femininas presentes no jornal são influenciadas pela perspectiva masculina. Desse modo, os discursos, as imagens, as narrativas sobre as mulheres, sobre seus papeis sociais são construídas pelo olhar masculino. As seção “A arte de ser elegante” reflete bem isso. Essa seção era dedicada a dicas e conselhos sobre como as mulheres deveriam se vestir e se comportar em sociedade. A elegância era vista como uma qualidade fundamental para uma mulher, e a seção fornecia orientações sobre como alcançar esse ideal.

Figura 8 A arte de ser elegante



Fonte: “Jornal das Moças”. Edição: N.2 junho,1914.

A arte de se ser elegante seria incompleta si não fosse além dos cuidados do rosto e do corpo. (...) Eu, quando vejo uma mulher, que vem ao longe, olho-a de baixo para cima; si não for bella no começo, isto é, si não pisar com elegância, de sorte a dar a idéa de que mal pousa o solo, desvio então os meus olhos, que entristecem e nem a procuro ver mais, ainda que a dona de taes desencantos tenha uns lindos cabelos de ouro envelhecido ou uns grandes olhos tristes como salgueiros. (Jornal das Moças- A arte de ser elegante,1914, p.16).

O trecho acima enfatiza a importância da elegância como uma qualidade que vai além dos cuidados com o rosto e o corpo, sugerindo que a postura e a graça ao caminhar são elementos fundamentais para a apreciação da beleza feminina. Assim, o texto destaca que a mulher deve caminhar de maneira graciosa e leve, dando a ideia de que mal pousa o solo. A conexão entre elegância e beleza é evidente na afirmação de que, caso a mulher não caminhe com elegância, mesmo que tenha outras características atrativas como "cabelos de ouro envelhecido" ou "grandes olhos tristes", se tornara desinteressante.

Uma linda mulher deve ter uma linda voz: grave, sonora, sedutora, baixa velada, minúscula, veludosa, leve, suave, acidulada, voz de ouro, voz de prata, de cristal e de outros tons que se não definem. Pois bem, aquella que tiver uma voz, cujo timbre por um pouco rouco e desgracioso não deve desesperar. Desde que se habitue a falar, quasi baixo, docemente sem vehemencia nem precipitação, as cordas; vocaes descançam, a larynge, se descongestiona e a voz aproveita muito; a voz já se torna por si mesma suave quando é falada com brandura. Um bom remédio para que se ella torne ainda mais bella é gargarejar, todos os dias, com uma mistura de água morna com folhas de eucaliptus. (Jornal das Moças- A arte de ser elegante, Edição: N.2, 1 junho,1914, p.8).

Esse segundo trecho destaca a importância da voz na definição da beleza de uma mulher. Assim, é apresentado as características que a voz feminina precisa ter para ser considerada bela e elegante. Desse modo, a voz precisa ser grave, sedutora, suave, veludosa. Ainda é aconselhado que, para melhorar a voz, a mulher deve falar quase baixo, docemente e sem veemência, permitindo o descanso das cordas vocais e a descongestão da laringe. Ambos os trechos, apesar de abordar assuntos diferentes, refletem as expectativas sociais da época sobre a feminilidade e os padrões de beleza.

As representações do ideal de beleza feminina no *Jornal das Moças* não apenas refletem uma construção masculina, moldando-se de acordo com as expectativas dos homens da época, mas também estabelecem a beleza como uma qualidade voltada para o olhar masculino. Ou seja, as mulheres eram incentivadas a cultivar a beleza principalmente para agradar aos seus maridos. A historiadora Carla Bassanezi destaca que os periódicos femininos abordavam de maneira implícita a concepção de que a “boa aparência da esposa é essencial para a felicidade conjugal”. (Bassanezi, 1996, p.271). Os trechos abaixo ilustram bem isso:

O QUE A MULHER DEVE SER

— Honrada por dever e não por cálculo. É uma triste verdade que nem todas as honradas se casam, mas não é tambem menos verdade que as maculadas só por exceção se matrimoniam.

\_ Usar de maior limpeza e asseio possíveis. Aos homens agrada tanto a mulher asseiada como desagrada a que se descuida com a sua hygiene. Venus, em nudez, a sahir das brancas espumas das águas, é mil vezes mais bella do que uma senhorita, cheia de enfeites e de óleos.

— E de bem que procure agradar ao homem, pois para isso nasceu, mas sem que tente deslumbral-o, affêctando dotes e qualidades que não possue. Com cadeiras postiças e seios de algodão, raramente ateará incêndio ao combustível do amor, ou, quando isso aconteça, bem depressa se extinguira.

—Vestir com simplicidade, embora com bom gosto. Não exclue a modéstia a elegância, nem aquella exclue a arte. Si é bella de rosto e possue outros atractivos physicos, facilmente seduzirá a quem a encare com qualquer espécie de tecido. A verdadeira formosura vence por si só. A falsa é a que tem a nescessidade de artifícios para conquistar amores.

— Quando for esposa, é que deve, mais do que nunca, galantear o marido, para que este nunca se enfare do amor conjugai. Deve procurar levantar-se mais cedo do que elle sempre ás escuras ou sob as penumbras do aposento, para que o marido não há veja desgrenhada. (Jornal das Moças, edição N.1. 21 de maio 1914).

O trecho acima foi retirado de uma seção do Jornal das Moças intitulada “O que a mulher deve ser”. Essa seção trazia conselhos e expectativas sociais direcionados às mulheres daquela época. Desse modo, o texto do revela não apenas as normas sociais da época, mas também evidencia uma construção da beleza feminina fortemente influenciada por perspectivas masculinas. A ênfase na higiene, simplicidade e na busca por agradar aos homens sugere que o ideal de beleza era, em grande parte, moldado de acordo com as expectativas masculinas predominantes na sociedade da época. Além disso, a afirmação de que as mulheres eram incentivadas a cultivar a beleza principalmente para agradar aos seus maridos destaca a submissão da estética feminina às expectativas masculinas. Isso reforça a ideia de que a construção da beleza era mais uma resposta aos padrões impostos pelos homens do que uma expressão autêntica da identidade feminina.

Nessa perspectiva, ao analisar as imagens e trechos do *Jornal das Moças*, torna-se evidente a presença de ideais de beleza estereotipados, fortemente enraizados em normas sociais da época. Muitos desses ideias de beleza se perpetuam até os dias atuais. De acordo com Wolf “A ideologia da beleza é a última das antigas ideologias femininas que ainda tem o poder de controlar aquelas mulheres que a segunda onda do feminismo teria tornado relativamente incontroláveis”. Ou seja, mesmo com os progressos feministas, a pressão social e cultural para que as mulheres atendam a determinados ideais estéticos ainda perdura. Essa ideologia muitas vezes as condiciona a buscar padrões físicos específicos, a colocar grande ênfase na aparência e a sentir que sua validação social está intrinsecamente ligada à conformidade com esses padrões.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, destacamos o papel significativo que os meios de comunicação desempenharam historicamente na sociedade, exercendo considerável influência ao moldar comportamentos e orientar opiniões. Em particular, as revistas femininas que emergiram como agentes influentes na construção da imagem feminina. No entanto, reconhecemos que tais publicações não existem isoladas, são produtos e, ao mesmo tempo, reflexos do seu ambiente cultural, social e político.

Nessa perspectiva, ao analisar o *Jornal das Moças*, percebemos que não era apenas um veículo informativo, mas também uma ferramenta que influenciava a construção da imagem feminina na sociedade brasileira. O jornal desempenhava um papel fundamental na definição do comportamento social e familiar das mulheres. Através de seus artigos, conselhos e anúncios, o periódico contribuía para a construção de um ideal de mulher que era esperado pela sociedade da época.

Além disso, ao representar a mulheres nos papeis de mãe-esposa-dona-de-casa, o jornal reforçava a ideia de que as mulheres deveriam priorizar os papéis de mãe e esposa em detrimento de outras profissões ou atividades fora do âmbito doméstico. Isso não apenas desvaloriza as contribuições femininas em outros campos, mas também se alinha à estratégia do patriarcado para que as mulheres se submetam voluntariamente a essa situação de subordinação.

Ademais, o Jornal das Moças, atribuía uma importância primordial à beleza, impondo padrões estéticos muitas vezes inatingíveis. Ao enfatizar a necessidade de as mulheres atenderem a esses padrões, contribuiu para uma pressão social que as obriga a competir por um ideal de beleza determinado. Essa competição antinatural é percebida como uma estratégia de controle que reforça a dominação masculina. Ou seja, a imposição de padrões estéticos, comportamentais e de conduta eram moldados para atender às expectativas masculinas, muitas vezes desconsiderando a diversidade e a autenticidade da experiência feminina. Além disso, essa incessante busca pelo padrão de beleza idealizado pode ter consequências significativas na autoestima das mulheres. A imposição desses padrões contribuiu para a internalização de ideais inatingíveis, alimentando inseguranças e moldando comportamentos autodestrutivos em busca de conformidade.

Dessa forma, ao analisarmos o *Jornal das Moças*, torna-se evidente que esse periódico não apenas refletia, mas também contribuía ativamente para a construção do ideal de beleza feminina no início do século XX. Sob a direção predominantemente masculina, o jornal delineava não apenas padrões estéticos, mas também comportamentais, moldando a percepção da feminilidade de acordo com as expectativas da sociedade da época.

Em última análise, é perceptível que muitos desses ideais de beleza, perduram na sociedade até os dias atuais. Assim, há uma necessidade urgente de desconstruir padrões estereotipados de beleza, promovendo uma abordagem mais inclusiva, diversa e autêntica da feminilidade. A reflexão sobre o passado nos instiga a desafiar ativamente as normas estéticas impostas, celebrando a beleza em sua multiplicidade e reconhecendo que a verdadeira expressão feminina vai além de padrões pré-determinados, permitindo a cada mulher ser autenticamente ela mesma.

# REFERÊNCIAS

**Fonte**

**JORNAL DAS MOÇAS.** In: Hemeroteca Digital Brasileira –Biblioteca Nacional Digital Brasil/Jornal das Moças digitalizado. Disponível em: >http://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/jornal-mocas/ Acesso em 22 de out, 2023.

**Obras**

ABREU Junior, L. M., CARVALHO, E. V. **O discurso médico-higienista no Brasil do início do século** Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 10 n. 3, p. 427-451, nov.2012.

ALMEIDA, Jane Soares. **As gentis patrícias: identidades e imagens femininas na primeira metade do século XX (1920/1940).** Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 48, p. 187-205, abr./jun. 2013. Acesso em: 22 de set,2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/jDBtX9GDVc8Y4dTdv888SKp/?format=pdf&lang=pt>.

ALMEIDA, Nukácia M. Araújo de. **Revistas Femininas e Educação da Mulher**:O Jornal das Moças. Universidade Estadual do Ceará – 2006. Acesso em 03 de nov, 2023.

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa**. Rio de Janeiro: Maud, 2007.

BASSANEZI, Carla. **Mulheres dos anos dourados.** In: PRIORE, Mary Del (Org.). História das mulheres no Brasil. 9 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

BASSANEZI, Carla. **Virando as Páginas, Revendo as Mulheres:** revistas femininas e relações homem-mulher, 1945-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo II:** A Experiência Vivida. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas. O imaginário da República no Brasil.** São Paulo: Cia das Letras, 1990.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

DUARTE, Constância Lima. **Imprensa Feminina e Feminista no Brasil:** Século XIX. Belo Horizonte, Autêntica, 2016.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S. A., 1989.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado:** história da opressão das mulheres pelos homens.São Paulo: Cultrix, 2019.

LIPOVETSKY, Giles. **A terceira mulher.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MARTINS, A. L; LUCA, T. R. **História da Imprensa no Brasil.** 2. ed.– São Paulo: Contexto, 2012.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Edusc, 2005, p. 9.

PESAVENTO, Sandra Jatahy.  **História & História Cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, (1998).

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar:** a utopia da cidade disciplinar. **Brasil 1890-1930**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

SOARES, Diego dos Santos; SILVA, Ursula Rosa. **O jornal das moças:** uma narrativa ilustrada das mulheres de 30 a 50 & sua passagem por pelotas nas décadas.Seminário de História da Arte-Centro de Artes-UFPel, n. 3, 2013. Disponível:[https://periodicosold.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/view/3013.](https://periodicos-old.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/view/3013) Acesso em: 22 out, 2023.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A História da Imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999.

WOLF, Naomi. **O Mito da Beleza.** Como as Imagens de Beleza são Usadas Contra

as Mulheres. São Paulo: Editora Rocco, 1999.

1. Durante o final do século XVIII, surgiram bibliotecas particulares no contexto colonial. Os registros dos autos da “Inconfidências” mencionam essas bibliotecas, buscando agravar as acusações contra os envolvidos, sugerindo que a leitura não apenas era considerada uma impiedade inescusável, mas também uma evidência de crimes graves e irremissíveis, isso demostra a intensa repressão exercida pela Coroa Portuguesa em relação aos livros. (Sodré, 1999, p.12).

   [↑](#footnote-ref-1)
2. Frei Tibúrcio José da Rocha foi um frade português e redator do primeiro jornal impresso no Brasil, a *Gazeta do Rio de Janeiro*. Ele assumiu essa função aos trinta anos de idade, sendo supervisionado por Dom Rodrigo de Souza Coutinho, conselheiro real e braço-direito do príncipe regente D. João VI. [↑](#footnote-ref-2)
3. Hipólito da Costa (1774-1823) foi um influente jornalista nascido na Colônia do Sacramento. Fundou o "Correio Brasiliense" em Londres a partir de 1808. o periódico desempenhou papel crucial na análise da realidade brasileira e portuguesa. [↑](#footnote-ref-3)
4. A "imprensa áulica" se refere a um tipo específico de imprensa que estava intimamente associada à corte real ou à elite política e cultural de um país. O termo "áulico" vem do latim "aulicus", que significa "relativo à corte" ou "pertencente ao palácio". Portanto, a imprensa áulica era aquela que tinha uma forte ligação com a vida na corte real e frequentemente servia aos interesses e preferências da elite governante. [↑](#footnote-ref-4)
5. Tradução: “Jornal de Senhoras e Moda”. [↑](#footnote-ref-5)
6. Tradução: “Os Anais da Educação do sexo”. [↑](#footnote-ref-6)
7. Tradução: “O Jornal Feminino”. [↑](#footnote-ref-7)
8. Tradução: “O Ateneu das senhoras”. [↑](#footnote-ref-8)
9. Tradução: “A Cidadã”. [↑](#footnote-ref-9)
10. Pierre Plancher foi um renomado editor e jornalista francês, proprietário de uma tipografia localizada na Rua do Ouvidor. Como titular do cargo de Impressor Real, teve a responsabilidade de imprimir a Constituição do Império do Brasil. Além disso, Plancher foi o editor de renomados periódicos como O Espelho Diamantino, Spectador Brasileiro (1824), Diário Mercantil (1827) e Jornal do Commercio (1827). Após a abdicação de D. Pedro I, retornou à sua terra natal em 1834. (Duarte, 2016).

    [↑](#footnote-ref-10)
11. Lei de Instrução Pública (Lei nº 1.530/1873): Promulgada no Brasil durante o período imperial, a Lei Saraiva, como é conhecida, foi um marco legislativo que estabeleceu as bases para o sistema educacional no país. Proposta pelo Deputado Francisco Belisário Soares de Souza e sancionada por Dom Pedro II, tinha como objetivo promover a universalização da educação primária e estabelecer diretrizes para o funcionamento das escolas públicas. A Lei Saraiva foi um passo importante na democratização do acesso à educação no Brasil do século XIX. [↑](#footnote-ref-11)
12. Joana Paula Manso de Noronha (1819-1875) foi uma escritora e jornalista argentina que viveu no Brasil. Ela contribuiu para diversas publicações e escreveu obras notáveis, incluindo novelas como "La família del Comendador" e "Los mistérios del Plata". [↑](#footnote-ref-12)
13. Violante Atabalipa Ximenes Bivar e Velasco (1816-1875) foi um importante figura baiana. Publicou uma coletânea intitulada "Algumas traduções das línguas francesa, italiana e inglesa", que contou com um prefácio escrito por Beatriz Brandão. Além de sua atuação na direção do periódico "O Jornal das Senhoras", Violante também teve a responsabilidade editorial do jornal "O Domingo", em 1874. [↑](#footnote-ref-13)
14. Virgilina de Souza Salles foi uma intelectual e feminista brasileira, criadora e editora da primeira revista paulista totalmente voltada para as mulheres, a Revista Feminina. Ela liderou o periódico de 1915 a 1918, promovendo a leitura e a escrita feminina por meio de artigos especialmente voltados para o público feminino. [↑](#footnote-ref-14)
15. Soares, D. S., & Silva, U. R. O JORNAL DAS MOÇAS: Uma Narrativa Ilustrada das Mulheres de 30 a 50 & Sua Passagem por Pelotas nas Décadas. Seminário de História da Arte-Centro de Artes-UFPel, n. 3, 2013. [↑](#footnote-ref-15)
16. **Higienismo**: Movimento do século XIX que enfatizava a importância da saúde e do bem-estar físico e mental, promovendo práticas como higiene pessoal, saneamento e alimentação saudável como meio de prevenir doenças e promover a saúde. Para mais informações ler: Abreu Junior, L. M., Carvalho, E. V. **O DISCURSO MÉDICO-HIGIENISTA NO BRASIL DO INÍCIO DO SÉCULO XX.** Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 10 n. 3, p. 427-451, nov.2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/rYdphf4bjPSgTXXMJcXP3vb/.>

    **Positivismo**: Corrente filosófica e intelectual do século XIX, criada por Auguste Comte, que defendia uma abordagem científica para compreender a sociedade e a cultura. Preconizava a observação dos fatos e a aplicação do método científico como base para a organização social e o progresso humano. [↑](#footnote-ref-16)
17. Clotilde de Vaux (1825-1846) foi uma figura marcante na vida do filósofo francês Auguste Comte, conhecido por fundar a sociologia e desenvolver o positivismo. Seu relacionamento platônico com Comte, iniciado em 1845 quando ela tinha 20 anos e ele 47, teve profundo impacto em sua filosofia. A prematura morte de Clotilde em 1846 aos 21 anos influenciou diretamente a evolução do pensamento de Comte, levando-o a desenvolver a "Religião da Humanidade", uma religião secular que enfatiza a solidariedade humana e o culto à humanidade como um todo. Este episódio revela a complexa interação entre eventos pessoais e desenvolvimento intelectual na vida dos pensadores do século XIX, evidenciando como experiências individuais podem moldar sistemas filosóficos. [↑](#footnote-ref-17)